

cididamente, Augusto terá que esperar pela gente nova, que vem aí.

* * *

O môço triste do Pau d'Arco tem sido e continuará o poeta de maior densidade na literatura brasileira. Poeta de virtudes extraordinárias para quem a prosperidade econômica jamais seria motivo de satisfação. Poeta excêntrico, cuja obra é tôda ela um grito de dor que sangra por mil feridas. Mesmo dizendo blasfêmias, mesmo falando na corrupção da matéria orgânica, crepita em fagulhas de gênio.

Teve êsse poeta uma infância sem alegria no engenho Pau d'Arco. O ambiente que ali respirava asfixiava-o. Sua mãe, Sinhá-Mocinha, era quem mandava, como ditadora, naquele mundo de horizontes fechados. Seu pai, dr. Alexandre dos Anjos, homem boníssimo, de sólida cultura humanista, versado em latim, grego, matemática, ciências naturais, história e disciplinas correlatas, não mandava coisa alguma, nem na casa, nem no engenho. Mas foi êle quem pôs a carta de A-B-C nas mãos de Augusto e preparou o rapaz para os exames no Liceu Paraibano em tôdas as matérias do curso de humanidades.

A única exigência do pai era quanto ao aproveitamento nos estudos. Confessa o poeta que em seu tempo de menino chorou bilhões de vêzes debaixo do tamarindo com a canseira de inexorabilíssimos trabalhos. Os trabalhos a que alude eram os do estudo, porque outros não tinha. Alguns intérpretes chegaram a acreditar que as aulas se davam debaixo do tamarindo. Mas tal coisa não disse Augusto. A casa grande tinha sala de biblioteca, onde os estudos se faziam. Nas horas vagas, com a cabeça cheia de declinações e teoremas, é que o estudante corria para debaixo do tamarindo, o tamarindo de sua desventura, a chorar como uma vela fúnebre de cêra.

Aos 16 anos de idade apaixonou-se por uma mocinha do Pau d'Arco, que morava sob o mesmo teto, na casa grande do engenho. Era uma jovem que emigrara do sertão da Borborema, tangida pela sêca que expulsa do solo calcinado os moradores da terra, em levadas de retirantes.

Augusto não era ainda o môço triste que depois se tornou, quando o vento da desgraça varreu a sua felicidade. Deu à amada todo o seu afeto e naquele bucólico meio os dois sentiram os corações abrasados. Na cegueira dos que amam, ela acabou se entregando a êle.